REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 763

30 DE NOVEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1900 — PAVILHÃO DAS COLONIAS PORTUGUEZAS

CHRONICA OCCIDENTAL

Domingo, 26 de Novembro, dia celebre na historia da monarchia representativa, eleições para as novas côrtes constituintes.

Machina eleitoral bem montada, engrenagens encebadas a preceito, um simples esforço no braço d'uma alavanca... e uma linda maioria a surdir como por encanto! A velha historia.

Correspondente ás habilidades demonstradas, completa indifferença nos espectadores e na comparsaria.

Como notas extranhas na symphonia toda paz, apenas as eleições em Palmella, onde o governo guerreava a candidatura do sr. Conde de Burnay, e no Porto, onde a lista republicana venceu por grande maioria de votos.

O governo pelos orgãos mais auctorisados do partido progressista annunciou que se desinteressava completamente da eleição na capital das provincias do norte, onde as medidas tomadas, quando do apparecimento da peste bubonica, tinham contra elle levantado seria opposição em todas as classes. Mas nem por isso os agentes do governo haviam deixado de trabalhar na sombra, affirmando-se até que era recommendada por elles a lista chamada dos protestantes.

Teremos portanto fazendo parte da nova camara constituinte, tres deputados republicanos, os srs. Dr. Affonso Costa, Dr. Falcão e Xavier Esteves.

Em Lisboa quasi não houve opposição, visto o movimento de concentração monarchica que entre progressistas e regeneradores se operou por iniciativa do sr. Conselheiro Hintze Ribeiro.

Se portanto não contarmos o Porto e um ou outro circulo de somenos importancia, o paiz assistiu com a maior indifferença ao acto eleitoral, em que a maioria dos eleitores nem sequer tomou parte, aproveitando o tempo bonito e os ocios do domingo para passear e divertir-se, imitando o exemplo do chefe da monarchia, que n'esse dia em Mafra matou, como atirador muito distincto que é, vinte e tantas galinholas.

O tempo vai uma belleza. Depois das chuvas abundantes, que, durando alguns dias, vieram refrescar a atmosphera e trouxeram uma vida nova aos campos resequidos, eis outra vez comnosco o amoroso verão de S. Martinho com todas suas galas. Vão lá em dias tão lindos encurralar os rebanhos e obrigal-os uma tarde inteira, com seus votos nas patinhas, a pensar na reforma da carta!

E entretanto, não é difficil ás vezes unir n'um mesmo impulso as mais diversas classes. Basta que a idéa seja pura, generosa, que se trate, por exemplo, de prestar o devido preito á memoria d'um grande homem.

Foi o que, ha dias, succedeu. Imponente manifestação foi essa, feita pelas associações e escolas ao grande benemerito da sciencia, Camara Pestana.

O desfilar do cortejo por deante da cova do cemiterio do Alto de S. João, onde, entre montões de cal viva, se vai esphacelando o cadaver do medico, victima de sua dedicação, começou á uma hora e meia da tarde e foi imponentissimo.

O primeiro discurso foi feito pelo sr. Conselheiro Alpoim, que representava o governo, seguindo-se lhe o sr. Conde de Restello em nome da Camara Municipal de Lisboa. Falaram tambem os srs. drs. Daniel de Mattos e Bernardino Machado pela Universidade de Coimbra e Alfredo Costa pela Escola Medica de Lisboa, o sr. Brito Aranha pela Associação dos jornalistas e muitos outros ainda. Por fim o sr. dr. Serrano, distincto professor de medicina, leu o elogio do dr. Camara Pestana, trabalho notabilissimo.

A familia real fez-se representar.

Foi uma homenagem digna do querido morto. Honrar os que assim foram illustres é dever e consolação.

A outro medico distincto, cuja morte enlutou Portugal, foi prestada agora a devida homenagem, na imponente sessão da Sociedade de Geographia realisada na noite de 23. Ahi, sob a presidencia do sr. dr. Serrano, que abriu a sessão, foi lido o elogio funebre do dr. Manuel Bento de Sousa pelo distincto clinico e não menos distincto homem de letras dr. Alves Crespo.

O dr. Manuel Bento foi um grande portuguez e honra nossa na sciencia. Elevar-lhe o seu nome é dever de todos os que se interessem pelas nossas glorias.

Tanta decadencia vemos por um lado, que é bem descançarmos, de quando em quando, os olhos em pedaços de luz.

E d'uma boa noticia temos agora que fazer archivo, a da derrota do regulo Mataca, a qual assim pôz termo a uma expedição arriscadissima. O governo vai galardoar o capitão Machado com a commenda da Torre e Espada.

São constantes felizmente as victorias das armas portuguezas.

O mesmo não podem por emquanto dizer nem inglezes nem boers. Ainda a duvida subsiste. Os inglezes teem muito dinheiro, alma da guerra como é vulgar dizer-se, mas os boers batem-se como leões.

Fala-se de paz. Segundo informa um telegramma da cidade do Cabo, alguns funccionarios do Transvaal teriam embarcado em Lourenço Marques para irem ao Cabo com tenções de negocial-a.

Que linda palavra é esta! Como nos sôa bem aos ouvidos! Como é de accordo com todo o azul da abobada cheio de serenidade n'este tempo tão bello, tão cheio de alegria e de meiguice!

O céo de Portugal enfeitou-se. As estrellas do azul criaram um brilho novo, talvez para festejarem as suas irmãs da terra, que tantas vieram agora até nós.

Uma contradança de estrellas a que teem tocado a musica bellas moedas de prata a encherem as gavetas das bilheteiras. O ruge-ruge das notas não deixa de ser musica tambem. Infelizmente não podemos por emquanto falar no tinir do oiro.

Foi-se a Sarah Bernhardt, chegou a Granier.

Ainda o chão da platéa e dos camarotes estava humido das lagrimas que dos olhos sentimentaes haviam deslisado ao expirar a Dama das Camelias, e já gargalhadas em girandolas esfusiavam até ao tecto, faziam vacillar as luzes no bico Auer dos lustres.

Deliciosa a Granier, deliciosas as suas companheiras, de primeira ordem os comicos que a acompanharam nas famosas comedias que ahi nos representou, e que já haviam tido o mais extraordinario exito em Paris.

Não primam pela decencia; mas não deixa de haver uma certa moralidade em tornar o vicio ridiculo. O padre e a ingenua do *Vieux Marcheur*, um nadinha seccantes, mostram as boas tenções do auctor.

Foi-se a Granier, estreiou-se a Hading, a mais linda mulher que hoje representa em theatros, famosa pela sua elegancia e criadora de muitas das mais celebradas peças.

E com esta fecha a serie dos deslumbrantes espectaculos o theatro D. Amelia.

Mas não terminou ainda a chuva maravilhosa. D'aqui a poucos dias teremos a Réjane em S. Carlos.

Depois pensaremos um pouco nas coisas nossas, muitas das quaes estão chamando a attenção de quantos se interessam pelo theatro portuguez.

Annuncia-se para o dia 7 de dezembro a primeira representação no theatro de D. Maria da melhor peça portugueza *O Frei Luiz de Sousa* de Almeida Garrett, ha muitos annos, sem motivo plausivel, afastada da scena. Em meados do mez será representada no theatro D. Amelia a nova peça de Lopes de Mendonça *Amor Louco*.

Não faltam novidades, como vêem.

Em Lisboa cada vez mais se vai desenvolvendo o gosto pela arte dramatica. Cresce o numero dos theatros publicos, são innumeros os theatros particulares. N'estes ultimos as recitas contam-se por centenas cada anno. Verdade é que se não sabe ao certo, quando representam tragedia, ás vezes se aquillo é comedia; mas, isso que importa?

Um actor muito conhecido em Lisboa pela graça das suas anecdotas foi uma vez convidado para dirigir uns ensaios d'uma tropa de furiosos. Era um drama horrivel. Havia um acto em que um jogador tragico vinha de noite roubar uma cruzinha d'oiro que a mulher adormecida, cançada de chorar... o costume... a cruz de sua mãe... tinha ao pescoço. O curioso consultou o ensaiador sobre o fato que havia de trazer.

— Não tem visto uns jogadores pela manhã sahindo da batota? Ha uns paletozinhos de gola levantada que definem logo um malandro. E olhar para elles. Velhos, fininhos, desbotados... Não ha que errar.

E no dia seguinte o ensaiador recebia uma carta:

«Meu caro C.

«Não lhe fazendo transtorno agradecia-lhe o favor de me emprestar o seu paletot para o ultimo acto.»

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1900

Projectos para os pavilhões portuguezes

Já em França se designou o actual ministerio, pelo *ministerio da exposição*, o que quer dizer que se espera seja ao sr. Waldeck-Rousseau que caiba a subida honra de acompanhar o presidente Loubet, na inauguração do grande certamen.

As extranhas provas de energia dadas pelo actual governo da França nas diversas conjuncturas por que tem passado, tal como a questão Dreyfus, já esquecida, e a conspiração ainda em julgamento, parecem justificar e animar essa esperança. Na verdade, seria de toda a conveniencia que assim succedesse, porque os *boycotts*, ou recusas de concorrer, seriam inevitaveis, como já estiveram imminentes durante a crise aguda da revisão do processo Dreyfus. Mas, passada esta grossa nuvem, o horisonte apparece brilhante, e a exposição universal de Paris em 1900 deve ser esplendorosa. A ella concorrem muitas nações estrangeiras, edificando as suas luxuosas installações e exhibindo a variedade infinita e curiosissima dos seus productos.

Entre esses paizes apresentam-se officialmente a Russia, Estados Unidos da America do Norte, Grã Bretanha, Allemanha, Austria, Hungria, Bosnia e Herzegovina, Italia, Hespanha, Belgica, Hollanda, Suecia, Noruega, Grecia, Turquia, Portugal, Bulgaria, Romania, Servia, Persia, China, Japão, Sião, Mexico, Peru, Equador, Transwaal, etc., etc.

Reproduzimos hoje os dois projectos approvados para os pavilhões portuguezes n'esta exposição.

A exposição d'esses projectos e dos outros que foram entregues durante o prazo do concurso, teve logar n'uma das velhas salas do lado nascente da Praça do Commercio, onde está installada a commissão respectiva, e foi grande o numero dos desenhos apresentados, os quaes honraram dignamente os artistas que concorreram. Havia de tudo n'essa exposição, bom e mau, mas abundando o bom, dependendo da melhor exequibilidade de alguns projectos o apreço e conceito que mereceram ao jury. A classificação satisfez geralmente e pareceu plenamente justificada, porquanto nos projectos premiados e escolhidos se alliam qualidades recommendaveis

Eram dois os pavilhões requeridos e por isso appareceram projectos para ambos: o pavilhão colonial e o das mattas, caça e pesca.

Para o primeiro vimos, por occasião da exposição, que se abriu em 15 de junho do anno corrente, os seguintes, dos quaes daremos uma brevissima idéa.

O que foi apresentado com a legenda *Lytece* obteve o primeiro premio.

Como se vê da nossa gravura a fachada principal abre-se em uma enorme portada semi-circular, dividida por duas columnas, e aos lados encostam-se dois corpos cylindricos coroados pelas espheras. Ao centro do edificio eleva-se um grande zimborio, dando-lhe o caracteristico d'este genero de construcção. Como desenho e aguarella o projecto era bem tratado.

O projecto apresentado sob a legenda *Sem esperança* obteve o segundo premio.

O córte longitudinal lembrava um trecho de praça de touros. Externamente era bastante decorativo. Aos lados da entrada havia duas estatuas, e na parede viam-se baixos-relevos allegoricos. Não era falto de caracter, sendo bem aproveitados os elementos orientaes, como por exemplo as columnas semi-indianas do portico, que lhe davam muita propriedade.

No projecto *Bona fide*, o auctor aproveitou com um certo *chic* varios motivos architectonicos dos paços de Cintra e da Pena, trechos de antigas casas portuguezas, de entrada exterior e alpendurada, quadrinhos de azulejo, etc., dando ao seu projecto um tom pittoresco, erudito, que não podemos deixar de louvar. Embora miscellanea era um conjuncto agradavel de elementos nossos caracteristicos.

O projecto *Minerva* obteve menção honrosa. A fachada inspirava-se na torre de Belem, da qual a parte lateral reproduzia toda a elegancia e cara-

cter. A factura do projecto era muito boa e agradavel.

Para o pavilhão das mattas caça e pesca appareceram os seguintes projectos:

M. C. M. Obteve o primeiro premio. E' bem elaborado, aproveitando muito bem o elemento decorativo dos azulejos. Talvez um pouco pobre e de construcção levissima, não é tão imponente como o pavilhão colonial, mas como simples annexo mereceu a preferencia. Reproduzimol-o a paginas 264.

O *Figaro*, dedicando o seu numero especial de novembro corrente á grande exposição universal reproduz este projecto como sendo o do pavilhão principal portuguez, quando elle não é para tal fim e de modo algum corresponde a essa honra.

O projecto *Alpha*, que obteve o segundo premio, era de architectura manuelina, tendo no centro e extremo corpos mais altos, rigorosamente dentro do estylo. O cuidadoso estudo que revelava attrahia a attenção, alcançando aquelle justo premio.

Sob a legenda de *Evhidelfo*, appareceu um projecto barato recordando uns chalets d'aluguer que ha na Cruz Quebrada. O auctor apresentava ainda outro projecto um pouco inferior, e produzia modelos em madeira, e varias amostras dos materiaes da construcção.

Como se deve imaginar, a exposição foi bastante concorrida honrando os nossos artistas, e gostosamente aqui a registamos.

JANE HADING

A mais formosa das actrizes. É tão linda, que se esquece a gente de ouvil-a, ás vezes, só para admiral-a, quando procuramos transformar todos os sentidos apenas no da vista maravilhada.

De muito talento precisa a interprete de Émile Augier e de Alexandre Dumas, que tão calorosamente acaba de ser applaudida nas ultimas duas recitas no theatro D. Amelia, para, por momentos, nos fazer esquecer sua formosura de deusa e commover-nos com as paixões da Aventureira e da Duqueza de Septmont.

Dotou-a com prodiga mão a natureza, fazendo-nos crer que não devem de ser uma lenda as feições esculpturaes, os cabellos d'oiro, os olhos como estrellas, da Venus nascida d'um beijo da Aurora na espuma iriada das ondas do mar.

É Venus que voltou á terra, trazendo a mais a voz crystalina que nunca mortaes lhe tinham ouvido.

A fama da celebre actriz franceza é hoje universal. A sua ultima creação em Paris no drama de Émile Bergerat, *Plus que Reine*, valeu-lhe os mais altos elogios de toda a critica parisiense. O exito que obteve, quando no seu giro artistico pela Russia e Inglaterra, foi sem precedentes. São importantissimos os papeis que tem desempenhado.

Não cança admirar talentos. Depois das noites inolvidaveis da Sarah Bernhardt, depois das hilariantes obras de Lavedan em que a Granier se nos impoz como talento comico de ordem superior, era realmente difficil conseguir fazer vibrar uma platéa inteira n'uma ovação unanime. Estava esse milagre reservado para Jane Hading.

Falámos apenas do que ouvimos; mas não é difficil prever que enthusiasmo não ha de acolher a *Sapho*, essa obra prima de Alphonse Daudet.

N'essa noite de saudades, porque é a ultima recita das que a empreza do theatro D. Amelia nos offerece das, já tão banal mas exactamente, chamadas das estrellas, Augusto Rosa representará com Jane Hading o quarto acto da *Estrangeira*.

A ovação deve ser enorme. Jane Hading deve com certeza levar da nossa terra lembrança immarcessivel.

Pois que nos não diga adeus, mas, como a Sarah, *au revoir*.

D. MIGUEL VAZ DE ALMADA

Evocar o nome nobilissimo dos Almadas, em vesperas do 1.º de Dezembro, em que se completam 259 annos sobre o memoravel dia 1.º de Dezembro de 1640, é commemorar de algum modo essa formosa data da nossa independencia, o que fazemos jubilosamente publicando o retrato do sr. D. Miguel Vaz d'Almada, o illustre representante actual de um dos mais nobres portuguezes, cujo nome a historia conserva em letras brilhantes nos annaes da autonomia nacional.

Para traçar o perfil biographico de D. Miguel Vaz d'Almada, é justo cedermos a penna a um talentoso biographo, que, ultimamente, por occasião do seu anniversario natalicio, lhe dedicou os seguintes periodos:

Novo, bem novo, e já orphão de pae, D. Miguel d'Almada começou de prestar á Causa do tradicionalismo o concurso relevante de um nome prestigioso e de um trabalho activo e desinteressado. Bem se póde dizer d'elle que a nobilissima honra que o principe proscripto lhe conferiu com a nomeação de vogal da actual Logar-Tenencia, a obteve, a um tempo, *par droit de naissance et par droit de conquête*.

Não será excedida por muitos a nobreza do nascimento; e, circumstancia de apontar, não lh'a reconhecem apenas pergaminhos archivados ou curiosos genealogistas: sente a a consciencia popular e ha de por força notal-a o mais simples compendio da historia patria.

Emquanto a gloriosa revolução de 1640, ou a tragica jornada de Alfarrobeira, não se apagarem da memoria d'um povo, que, aliás não póde nem deve esquecel-as, D. Miguel Vaz d'Almada não carece de authenticar a fidalguia extrema da sua estirpe. Mais: disputam primasias para lhe aquilatar do valor a antiguidade e o renome.

Na propria fundação da monarchia prende tambem a sua á da nobilissima casa dos Almadas. Era tambem um cruzado o primeiro que recebeu do *Conquistador*, em premio aos seus serviços pela boa causa, a doação da villa de Almada, com que accrescentou as honras herdadas na Inglaterra, sua patria.

De então para cá, a nobreza não se conservou apenas nos registros heraldicos ou na justiça magnificente dos monarchas, manteve-se, transmittiu-se, elevou-se, de geração em geração, com uma perpetuidade, e dentro de tão recta linha de successão e de irreprehensivel proceder, que não é esse, por mui raro, o menor titulo de nobreza d'este nosso amigo, e de todos os seus.

Se, no alvorecer da nossa nacionalidade, concorre já assim o nome de Almada *(Alismade)*, nunca em Portugal se levantou dynastia ou pelejou lucta de honra, em que pelo lado d'aquellas ou de esta nos não appareça tambem o mesmo fidalgo appellido.

Ao lado dos filhos de D. João I, o fundador da dynastia de Aviz, como que synthetisando por si só, pois que é vulto para isso, as mais bellas e vigorosas qualidades de caracter, surge aquelle cavalheiroso D. Alvaro Vaz, um dos *doze de Inglaterra*, que depois de batalha pelas damas, o *tibi* da legenda, *Deo, Patriae*, da Madresilva, se foi a morrer, pelo seu principe, com o heroico protesto do: *Fartar villanagem!*

E quando volvidos seculos sobre a historia accidentada d'esta nação, ella solta o grito da independencia pelo esforço da aristocracia, de novo se adeanta ás homenagens agradecidas da posteridade, o nome dos Almadas; D. Antão, D. Luiz, D. Lourenço, D. Francisco, com o serem vultos nossos historicos, são apenas os élos que prendem, n'essa cadeia ininterrupta de cavalheirismo e amor patrio, as nobres tradicções dos antepassados aos feitos de honra dos vindouros.

Foi o conde D. Lourenço o pae de D. Miguel d'Almada, que por sua fallecida mãe, filha mais velha do 1.º conde da Figueira, entrelaçou na secular nobreza do tronco varonil as glorias da descendencia dos Senhores de Entre Homem e Cavado, e marquezes de Mortara em Hespanha, cuja fidalguia remonta tambem aos tempos do primeiro Sancho, a cuja côrte pertencia já aquelle Martin Martins Machado, appellidado tal por mercê régia por ter tomado a machado uma das portas de Santarem.

Veem já de vinte annos atraz os serviços de D. Miguel d'Almada ao partido legitimista, que o tem hoje como um dos seus chefes.

Administrando uma casa, estendida por tão distantes dominios, ligado pelo casamento a uma das mais distinctas senhoras da *élite* madeirense, que no esbelto do porte e na propria gentileza reflecte a virilidade do seu espirito e as virtudes do coração; relacionado no elevado meio a que lhe dão direito as suas primorosas qualidades pessoaes; sempre, em toda a parte, aqui, no Minho, na Madeira, em familia, na sociedade, D. Miguel nunca renegou, sempre se apresentou, legitimista, e legitimista dedicado, pelo que é queridissimo do seu partido.

Não era por isso de admirar que seus correligionarios o visassem de ha muito como devendo ascender ao elevado posto que hoje occupa entre elles, e quando o sr. D. Alexandre de Saldanha da Gama recebeu o espinhoso encargo de succeder na chefia do seu partido ao conde da Redinha, por certo se sentiu honrado e forte com a cooperação intelligente e desinteressada de D. Miguel Vaz d'Almada e do dr. Domingos Pinto Coelho. E poucos avaliarão talvez, na justa medida, o valioso serviço que representou e representa a acceitação por esses tres homens da Logar-Tenencia do partido legitimista.

GUERRA NA AFRICA DO SUL — O GENERAL JOUBERT

As noticias mais recentes das batalhas de Belmont e Grasspan são o que de maior importancia se refere até agora sobre a guerra na Africa do Sul. Essas noticias que primeiramente fallaram de victorias inglezas não são confirmadas n'esse sentido e se acaso houve victorias britannicas foram ellas fraquissimas, senão duvidosas.

Do combate de Grasspan dizem os ultimos telegrammas que, tendo o general inglez Methuen avançado com uma columna sobre Grasspan, precedido por um comboio blindado, que fazia os reconhecimentos, a seis milhas de Belmont, se encontrou com 2:500 boers. Então o general Methuen ordenou que os batalhões de fusileiros de Northumberland, de Northlancashire e Berkshire Munster, acompanhados por uma brigada naval com duas baterias, lanceiros 9 e uma brigada das guardas, atacassem os boers.

A brigada das guardas foi encarregada de proteger as munições.

Assim que se avistaram os boers, começou o bombardeamento. Quando parecia que os boers tinham retirado, foi transmittida ordem para aquelles batalhões e a brigada naval darem o assalto.

Encontrando o inimigo disposto a resistir, o combate foi terrivel.

A brigada naval, que ia na vanguarda, teve de parar na marcha, em virtude do fogo inimigo. N'este momento um destacamento inimigo cahiu á retaguarda sobre a brigada das guardas, que se defenderam desesperadamente, tendo perdas que ainda não são conhecidas.

Lanceiros 9, que fôra mandado cortar a retirada aos boers quando estes cederam, foi envolvido pelo inimigo.

N'este combate o general inglez tinha 7:500 homens e os alliados orangistas eram commandados pelo general Cronje. De forma que a pequena victoria anterior em Belmont foi duramente paga em Grasspan.

Com taes noticias a anciedade em Londres é profundissima, e a tensão das relações entre a Hollanda e a Inglaterra tambem preoccupa bastante a opinião publica n'esta nação.

A batalha de Modder River, conhecida á ultima hora e como uma brilhante victoria ingleza, carece ainda de confirmação.

Tal é pois o estado de duvida em que se está sobre noticias da guerra, mas parece certo que, mau grado dos optimistas inglezes, estes teem perdido muito terreno.

De Joubert, o valente general transvaaliano cujo retrato publicamos, tem-se noticiado o estar ferido, enfermo e até morto, mas esses boatos são desmentidos pelas successivas operações que elle tem commandado e onde apparece.

Da sua boa tactica dão provas as evoluções operadas, embora n'ellas se diga que segue os planos dos officiaes europeus ali em serviço. O nome de Joubert representa, pois, a synthese da lucta pela independencia.

A CONDESSA MAHAUT [1]

I

A Luiz de Soveral

Quantos leitores portuguezes, — quantos estudiosos, até, — encontrando-se casualmente na historia da Europa Central com a figura extraordinaris da Condessa Mahaut, a segunda mulher do grande Filippe de Alsacia, nem vagamente terão suspeitado de que fosse portugueza essa mulher formosa e forte que parece ter levado no sangue e no caracter os brios e o engenho da nascente nacionalidade que se constituia aqui atravez e apesar das violencias e das cubiças dos poderosos visinhos!

Quantos, tambem, passeando olhos pasmados pela formidavel génese dos povos e dos Estados modernos, — ou parando-os na historia d'aquella França prestigiosa que faz a maior parte da nossa deleitação litteraria ou da nossa educação social, — quantos, nem por sombras terão percebido no excentrico personagem que lucta e cae heroicamente em Bovines tentando estrangular á nascen-

[1] Excerpto do novo livro *A Condessa Mahaut* do sr. conselheiro Luciano Cordeiro, a que nos referimos nas nossas *Publicações*.

A ACTRIZ JANE HADING

ça essa mesma França, a figura fundamente caracteristica, original, de um portuguez que, a bem dizer, affirma já, em pleno seculo XIII, o typo aventuroso e resistente da raça nova que se formava n'esta nesga extrema do Occidente europeu, á beira do irrequieto Oceano, em face dos horisontes suggestivos do Desconhecido e do Ideal!

Os nossos historiadores, é claro, não se esquecem geralmente de registar, em dois traços, n'uma especie de obituario antecipado de velho chroni con monastico, que uma Princeza portugueza, uma filha do nosso primeiro Rei, se foi d'aqui a participar o nome e o poder do Conde de Flandres, o maior feudatario de Luiz VII e de Filippe-Augusto.

Por signal que, ou confessam sinceramente não saber como isto foi, ou não se importam saber o que depois succedeu.

Tão pouco deixam de dizer-nos as historias nacionaes, — parca ou superficialmente, embora, — que um Principe portuguez, neto do mesmo Rei, sobrinho da mesma mulher, abandonando a Patria, — não se sabe quando, precisamente, — se achou feito, n'um dia, — não importa qual, — conde e senhor d'aquelle mesmo feudo de Flandres, consequentemente, — bem lhes importa, tambem, a consequencia! — primeiro Par e Condestavel da velha França capétiana e militante!

É sabido, comtudo.

Mahaut, Mahthild, Mathilda, *Mathilde*, é Dona Thereza, filha de Dom Affonso Henriques e de sua mulher a Rainha Mahalda, Mathilda, *Mafalda*.

Ferrandus, Ferrant, o *Conde Ferrant*, é Dom Fernando, filho de Dom Sancho o Primeiro e da Rainha Dulcia, Dulce, Aldonsa, Dona *Doce*.

Não se trata, evidentemente, de uma revelação ou de uma descoberta erudita.

Mas estas, como tantas outras existencias vigorosas e opulentas que, destacando-se aventurosamente da Raça ou da Patria, vão, de alguma maneira, continual-a, affirmal-a, distinctamente ás vezes, n'uma individualisação gloriosa de influencia ou de acção, em meios extranhos e longinquos, são almas penadas que vagueiam n'um desamoravel abandono em volta do ninho natal, esquecidas e ignoradas, com se, por têl-o abandonado um dia, devessem ficar necessariamente indifferentes e alheias ao culto e á licção do nome e da historia commum.

E quantas não ficaram!

Quantas contribuiram, funda e longamente, inconscientes ou dedicadas, para o trama complicado e vário, polychromo e multiforme do desenvolvimento historico da propria existencia nacional de que um simples acaso de fortuna as separou e scindiu bruscamente?!

Quantas, fortuita ou propositadamente, foram ou continuaram sendo, mais ou melhor do que se tivessem persistido vinculadas ao meio originario, agentes ponderosos, irrecusaveis dos destinos patrios?!

A historia portugueza como geralmente se tem feito, — Herculano á parte, — ou como se faz ainda; — a propria historia da formação da nossa raça? — quando não conte como factor organico as nossas velhas relações com a Europa central, ou melhor: com a Europa septentrional; — o movimento, a influencia, a penetração ethnica e social d'essas relações, desde a forte migração e colonisação de gentes do Norte até ao convivio mercantil e ás allianças principescas do periodo da consolidação portugueza: — será sempre, fatalmente, uma historia incompleta e truncada, não raramente inintelligivel e absurda.

A cada passo se achará embaraçada e hesitante a explicação, a comprehensão da existencia e da resistencia politica, — do desenvolvimento e da individualidade segura e nitida de Portugal no tempo e no espaço, atravez dos seculos e a despeito da artificiosa unidade e das estupidas pretenções politicas da Hespanha.

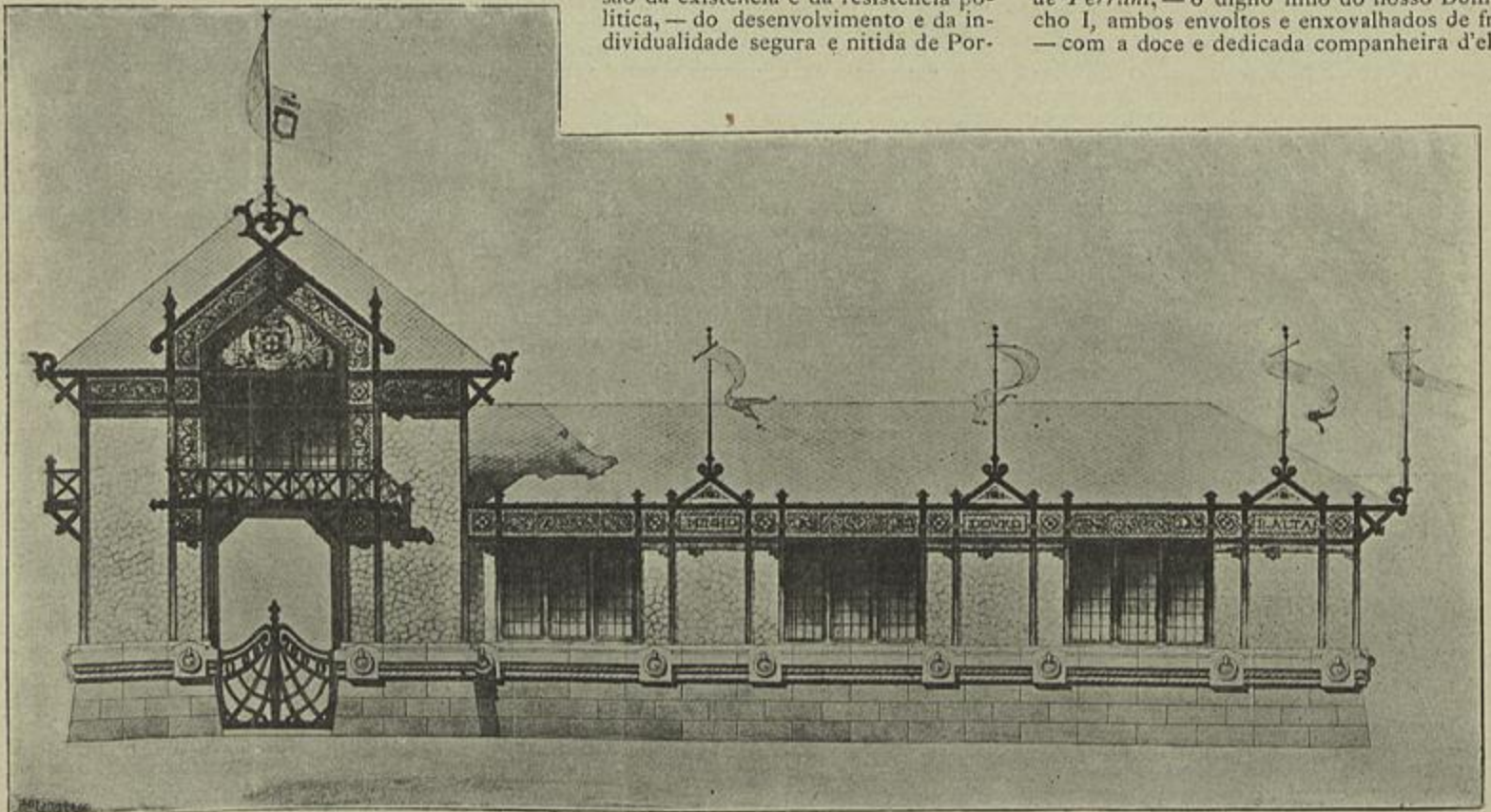
Pois bem: no conjuncto genesiaco, na laboração complexa e fatal de circumstancias e de acontecimentos que approximando as raças e os povos os faz mais ou menos intensamente penetrarse e transfundir-se, definindo e creando novos productos historicos, — novos povos, novos Estados, raças novas, até — o individuo não é, tão pouco, um termo perdido e alheio, não é sempre um termo passivo e inerte, e tanto que é elle, muitas vezes, — e é isto que faz a sua grandeza na Historia, — que inconscientemente, suscita ou interrompe, origina ou annulla o trabalho e o resultado d'essa laboração em que é variamente, agente, paciente e reagente.

Não desnovelando aqui o thema, tão complexo como interessante, mas recordando um exemplo, entre muitos, que felizmente começa a estimular a attenção dos estudiosos sinceros: — quem não ha de sentir e reconhecer, palpitando ainda nas paginas relativamedte modernas da historia nacional, a velha e intensa influencia exercida pelas nossas relações com aquelles originaes e malogrados paizes da Flandres e da Borgonha, de um dos quaes nos veiu authenticamente o primeiro chefe na campanha da Independencia, e a ambos os quaes démos alguns dos mais notaveis campeões da sua prestigiosa e tradiccional grandeza?

Sobre os dois personagens que vamos evocar agora, das chronicas sédiças e ignoradas de ha seis seculos para o desfastio intellectual de repousada palestra, pesa alguma cousa mais injusta e ingrata do que o absoluto esquecimento da terra e da gente d'onde elles partiram para a Historia.

Recalca-lhes e fere-lhes a memoria, — hoje ainda! — implacavel e feroz, a lenda da paixão e do interesse politico que êstes dois grandes desgraçados tiveram de embargar e combater, inutil, mas valorosamente, um dia, vae em seiscentos annos.

Aqui a tenho diante dos olhos, aberta, escancarada, na velha copia de vetustissimo codice, — simultaneamente ingenua e odiosa, encantadora e medonha, graciosa como uma balada, sombria como a Tragedia: — essa terrivel lenda que logo em vida dos dois se apossou de ambos com os seus longos tentaculos de inveja e de calumnia; — essa mesma lenda que açulou a canalha de Paris a poupar um d'elles quando entrava, vencido e amarrado, na grande cidade; — que resfolgou triumphante sobre os lodos de Furnes quando afogaram e sepultaram o outro.

Aqui a tenho, em flagrante, na sua condensação, na sua expressão a bem dizer original e coeva, a triste lenda da grande, da forte *Condessa Mahaut*, — a filha do nosso primeiro Rei, — e do ousado, do aventuroso rapaz que se chamou o *Conde Ferrant*, — o digno filho do nosso Dom Sancho I, ambos envoltos e enxovalhados de fresco, — com a doce e dedicada companheira d'elle, —

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS DE 1900 — PAVILHÃO PORTUGUEZ DAS MATTAS, CAÇA E PESCA

pela injustiça bruta, inconsciente das multidões, não pouco, tambem, pelos interesses e pelas revindictas dos antagonismos politicos do tempo, que a Historia parece ter desalmadamente perfilhado.

É um volume da *Symmicta Lusitana*, da soberba collecção de copias documentaes mandadas colher nos archivos do Vaticano, ha bem cento e cincoenta annos, n'uma epocha, pois, que os nossos politicos e litteratos de agora estão todos os dias averbando parvoamente de obscurantista e de occupada apenas em inutilidades sandias [1].

Contém esse volume a copia de um codice do Vaticano, — quem sabe se o primeiro, — do famoso *Livro de Balduino*, codice inteiramente desconhecido, não citado, pelo menos, na litteratura correspondente. [2]

— *Cy commence le livre de Baudoin Conte de flandres et de Ferrant filz au Roy de Portugal quiaprès fut conte de flandres.*

Não é, como poderia suppôr-se, um inedito.

A lenda não desaproveitou a invenção da typographia, e senão antes, em 1478 imprimia já o interessante *Livro*, Bartholomeu Buyer, um dos primeiros impressores de Lyon. [3]

D. MIGUEL VAZ D'ALMADA

Escripto um seculo, se tanto, depois dos acontecimentos que relata e cuja lembrança deveria estar ainda viva e recente, — como observam dois sabios commentadores de Gand, — esse livro offerece, por isso mesmo, a deturpação dos successos e dos personagens, — da propria chronologia, até ; — na ingenua e fantasista malsinação dos factos, das circumstancias e dos caracteres, um soberbo corpo-de-delicto á critica e ao julgamento da Lenda, em geral, e particularmente da que tem trazido até nós, de roldão, aos pontapés — escalavradas e calumniadas, — as extraordinarias figuras que encheram a historia da Flandres e boa parte da historia da Europa Central do fim do seculo XII e principio do seculo XIII.

Pois que nos fala de portuguezes e se correlaciona com a primeira apparição da nossa raça no theatro do mundo, — sendo aliás perfeitamente desconhecido entre nós, — bom é que o façamos accessivel e o naturalizemos portuguez, um dia, que é aperitivo e encantador, — instructivo mesmo, — como livro de cavallaria e repositorio das idéas e feitos de gerações que de mais em mais se esbatem e apagam nos horisontes da nossa vida e da nossa intellectualidade actual.

Mas a Historia previna a Lenda : — explique-a para que se não confunda com ella.

Faça, em summa, uma vez mais, a obra de consciencia e de justiça de arrancar-lhe as victimas das suas ingenuas e grosseiras falsidades.

Hontem, como hoje, a Lenda é a ignorancia, a paixão, a irreflexão.

É a inconsciencia, por conseguinte a injustiça.

Não é uma inutilidade, não. Mas não pode ser um juizo.

Mahaut e Ferrant, — ou Dona Thereza e Dom Fernando, — foram dois grandes impecilhos á absorpção franceza da Flandres.

Contrariaram-n'a, retardaram-n-'a, combateram-n'a.

Sic fata voluerunt.

Evidentemente a Lenda nasceu no campo contrario ; acompanhou os vencedores.

Luciano Cordeiro.

---

[1] Emprestou-me esse volume o Rei (Senhor D. Carlos) quando eu desesperava quasi de que a importunada amisade de alguns estudiosos estrangeiros me podesse encontrar bem longe d'aqui o que assim se me deparou inesperadamente tanto á mão e em mão portuguezamente generosa.

Diz o rosto : *Symmicta* | *Lusitanica* | *ex Mss. Codicibus* | *Bibliothecæ Apostolicæ* | *Vaticanæ* | *Tomus tertius* | An *Dni.* MDCCXLIV — (Bibliotheca Real da Ajuda).

Pouco depois enviava-me um amigo e tão notavel industrial como estudioso, de Lille, o sr. Oscar Godin, a rara obra : *Le Livre de Baudoyn, conte de Flandre; suivi de fragments du roman de Trasignyes. Publié par MM. C. P. Serrure, professeur, et A. Voisin, bibliothecaire, à l'Université de Gand.—Bruxelles, Chez Berthot e Périchon*, 1836.

[2] A copia tem este titulo : — *Faits De Badovin Conte de Flandres et De Ferrant Filz do Sance Roy de Portugal et successeur de Badovin dans la fin du siècle XII.* — E á margem, no alto : — *Ex Cod. Reg. Vas. 867.*

[3] Em 1484 reimprimia-o Antonio — *Anthoyne* — Neyret, em Chambéry, e por signal que durante muito tempo foi esta edição considerada como a do primeiro livro impresso n'aquella cidade, onde logo no anno seguinte (1485) a repetia o mesmo impressor.

Sem data, mas proximamente, decerto, appareceu a primeira edição de Paris, — *pour Jean Bonfons*, — e outra de Lyon por Olivier Armoillet com este titulo redundantemente suggestivo. — *L'histoire et cronique du noble et vaillant Baudoin conte de Flandres lequel esposa le dyable.*

Parece, porém, que em Lyon é que o bello livro encontrára um interesse mais intenso pois que ainda em 1509 o editava ali Claudio Nourry toucando-o com este titulo : — *Les nobles prouesses et vaillances de Baudoyn conte de Flandres et de Ferrant filz au Roy de Portugal qui apres fust conte de Flandres.*

Por encurtar a noticia : ha mais de meio seculo, em 1833, Serrure e Voisin, dois illustres estudiosos de Gand, — a velha cidade da Condessa *Mahaut* e dos Condes *Baudoyn* e *Ferrant*, — reproduziam e estudavam o *Livro* sobre a edição de Chambéry, de 1485.

Ao codice do Vaticano não encontrei até hoje a menor referencia que accuse o conhecimento da existencia d'elle pelos commentadores e editores. O mesmo succede, é claro, em relação á copia da *Symmicta*, que me foi pela primeira vez denunciada por Gabriel Pereira.

Não são muitas nem muito importantes as variantes do trabalho de Gand em relação ao nosso documento, mas as que existem parecem accusar evidentemente, procedencia diversa de texto. Não é isto, porém, o que nos interessa agora.

NO MAR

De Aden recebeu o nosso querido amigo Dr. Manuel Penteado os versos primorosos de Fausto Guedes, que adeante publicamos.

O grande poeta, dos maiores da geração moderna, n'elles espalhou a essencia mais pura da sua alma santissima. Como vibra a saudade da patria, o amor á terra duas vezes mãe ! São versos para se guardarem devotamente no coração, para se regarem com lagrimas interiores.

Mais um adeus ao poeta e um aperto de mão ao amigo que nos cedeu tão valiosa perola.

Sobre um barco estrangeiro e sobre um mar que é nosso,
Ponho os olhos na terra e, assim, fico-me a olhar...
Vae para lá tambem, Alma com que eu não posso;
Oh meus olhos, juntae a vossa agua á do mar.

Vélas onde não sangra a linda cruz de malta,
Não ha vento p'ra vós, podem-vos arrear...
— E a quantos, que aqui vão, este ceu não faz falta!
— E quantos morrerão por nunca mais o olhar!

Eu não verei este anno o grande adeus do outomno,
Tambem as folhas só que enchi da minha dôr;
Trazem-me a protecção do ceu, que eu abandono,
As gaivotas que vão seguindo o meu vapor.

Gaivotas, continuae atraz de mim, em bando,
Compartilhae da minha sorte aventureira,
Encontrareis ao fim, p'ra onde eu vou chorando,
O mesmo lindo azul de ceu e de bandeira.

A nossa patria quando a gente foge d'ella,
Vae ella atraz de nós para nos abrigar...
Termina p'ra surgir de novo, e sempre bella,
E, quando finda a terra, inda temos o mar.

E a patria, que me deu meus sonhos gloriosos,
Tinha direito á minha vida, ao meu calvario;
Mas eu roubei-lhe até os olhos mais formosos
Para a minha incerteza e o meu destino vario.

E o que lhe dei em troca? O que é que eu fiz por ella
Que não fosse chorar ou que não fosse o mal?
Nada, nada eu deixei á minha terra bella:
Nem um beijo d'amor nem um verso immortal.

Gastei a vida a amar inutilmente a vida;
Perdi tudo até mesmo o que não encontrei;
Escrevi sobre a areia e ella foi revolvida...
Não tive lyra, foi nos nervos que toquei.

Nada em troca lhe dei — tantas coisas tentadas! —
Mas eu podia bem perguntar-vos n'esta hora,
Meus amigos de sempre e meus bons camaradas,
Porque ninguem me disse o que eu vos digo agora? !

Minha gloria eu sei bem como ella é passageira!
Quebra-se-me nas mãos tudo que eu quiz erguer;
Fazei dos livros meus uma grande fogueira
A' hora do sol, p'ra, nem assim, se poder ver.

Metto os olhos no peito e não consigo vel o;
Da propria forma eu tenho uma vaga intuição;
Eu começo a partir a pedra co'o martello
E afinal, sem querer, dou lhe co'o coração.

Desviei-me da vida e errei tudo na vida...
Traduzindo na pedra o que eu sentia e sou,
Em frente á minha estatua, á luz do sol erguida,
Quando eu lhe disse: — *parla!* — o meu Moysés fallou!

Impio que eu fui! desafiei Deus! é justo agora
Este instante cruel da sua maldição,
Que me diz que eu não salvo uma unica hora,
Nem consegui fazer nada do coração!

As minhas palmas são as d'estas mãos chagadas,
Essas que eu mereci, essas que eu quero só,
Seccas, como eu as tenho e o dobro ensanguentadas,
Com que eu heide morrer abraçado ao meu pó.

Mas vós, que sois o meu orgulho e a minha gloria,
Poetas, continuae a amar vos e a luctar...
Vejo Christo na cruz que promette a victoria;
E o sol, de novo a andar p'ra o mandardes parar!

Nas vossas mãos entrego a minha fina espada,
Que é tudo quanto tenho e que eu não devo usar,
Mas que, desde Camões, a todo o poeta é dada,
E que, portanto, alguem julgou dever me dar.

Não vos peço que ameis a nossa terra, em guarda
E' o vosso coração, em toda a parte á escuta;
Mas, se vos fôr precisa um dia uma espingarda,
Commandae-me, que eu vou alegre para a lucta.

Nun'Alvares fundou a ordem gloriosa
Em que o burel esconde o aço da armadura;
Vou para lá até que uma hora tormentosa
Vos mande vir bater á minha sepultura.

Até lá! até lá!... Some-se a terra amada
Em que eu nasci e amei, duas vezes minha mãe;
Portuguezes, corae ides em retirada!
Estrangeiros que amaes, dizei-lhe adeus tambem!

E já não vejo a terra! Olhos, podeis cegar!
Adeus, meu Coração... Começa a entardecer...
E este barco cá vae, p'ra qualquer parte, a andar;
E eu e o sol, sobre o mar, ambos vamos morrer!

Mar alto. No meu ultimo dia.

Guedes Teixeira.

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Continuado do n.º antecedente)

XXIV

E assim foi.

Uma noite, muito tarde, principios de setembro, levam-o suas buscas até B..., aldeia a duas leguas ao norte de Marienfeld. Atravez as janellas fechadas da taberna, chega-lhe aos ouvidos uma algazarra confusa, sapateada, gritos, canções avinhadas.

Desce pesadamente do carro e ata o cavallo á porta do pateo. A chamma turva da lanterna vacilla com o vento da noite. Grossas pingas de chuva batem no chão.

O feixo range-lhe na mão e elle empurra a porta que se abre de par em par. Batem-lhe na cara espessas nuvens azuladas de tabaco, misturadas com o fumo d'uma cerveja desemxabida e de pessima aguardente.

E ali, na ponta da comprida mesa desengonçada, com as faces tumidas, os olhos orlados de vermelho e luzindo com aquelle brilho vitreo que é só de bebados, com os cabellos em moitas, a camisa suja e o fato descomposto, cheio de pedacinhos de palha, restos, com certeza, de seu ultimo paradeiro — aquelle typo de vicio precoce e de irremediavel miseria, eis tudo o que lhe resta do irmão tão adorado, em que tudo para elle se resumia.

— João! grita.

E cai-lhe da mão com estardalhaço o chicote de correio.

Um silencio sepulchral estabelece-se na casa cheia de gente, e os bebados, de bocca aberta remiram o desmancha-prazeres.

O infeliz ergueu-se do banco, com o rosto petrificado por uma angustia sem nome; sai-lhe do peito assobiando um ronquido profundo; com um salto desesperado põe-se em cima da mesa e com um segundo pulo tenta pôr-se ao largo por cima das cabeças.

Inutil: a mão de ferro do Martinho sustem-o pela gola do casaco.

— Fica-te ahi! rosna lhe ao ouvido em voz baixa.

E logo sente-se por um impulso prodigioso atirado para o canto do fogão, onde cai exhausto.

Entretanto o Martinho empurra a porta, quanto ella dá; depois mostrando com o cabo do chicote a noite lá de fóra, planta-se no meio da casa.

— Vamos! Tudo já para a rua! grita em voz que faz estremecer os copos na mesa.

Os bebados, quasi todos elles vadiositos, pegam nos barretes e retiram-se, medrosos; apenas, lá do meio do grupo, um ou outro murmurio abafado.

— Vamos! Para a rua! grita elle mais uma vez, fazendo menção de esganar o primeiro que reponte.

Dois minutos depois sahiu tudo. Só o patrão é que se deixou ficar, morto de medo, atraz do balcão. Depois, como o Martinho fite n'elle um olhar ameaçador, começa choramingando, a queixar-se do transtorno que aquillo lhe faz ao negocio.

O Martinho mette a mão no bolso, atira-lhe um punhado de moedas brancas e diz-lhe:

— Quero ficar só com elle.

E, quando deu volta á chave, depois que sahiu, todo cumprimentos, o estalajadeiro, approxima-se devagarinho do irmão que, com o rosto escondido nas mãos se deixou ficar immovel, arrumadinho ao canto. Põe-lhe carinhosamente a mão sobre o hombro e com uma voz tremula de ternura infinita e de infinita tristeza:

— Arriba, meu rapaz, e conversemos.

O João não se move sequer.

— Queres ou não dizer-me o que tens contra mim? A gente faz-lhe bem explicar-se, rapaz... Desafoga comigo, meu rapaz.

O João deixa cahir os braços; e com voz rouca, gargalhando:

— Desafogar comtigo!... Ah! Ah! Ah!

A angustia que havia pouco lhe contrahia as faces n'uma careta, mudou-se em arrogancia, surda, contida.

Entre ennojado e piedoso, o Martinho contempla aquelle rosto, cujas rugas profundas nada deixam entrever do João d'outras eras, alma lavada, coração ternissimo. Criaram n'elle raizes as paixões mais baixas para assim, em seis curtas semanas, desfigurarem um homem tão desoladoramente.

Ergueu-se e atirou um olhar para o lado da porta.

— Fechaste-me, não é assim? pergunta com nova gargalhada que penetra pelo Martinho até á medulla dos ossos.

— Fechei.

— Queres então arrastar-me comtigo como um criminoso?

— João!

— Anda, vai! não ha duvida és tu que tens mais força! Mas olha lá o que eu te digo: ainda não sou tão miseravel que me não defenda. Atiro-me da carruagem, esmigalho a cabeça n'um marco, mas não vou comtigo!

— Deus do céo, tende compaixão de mim! grita o Martinho. Ai, rapaz, rapaz, que fizeram de ti?

O João passeia pesadamente de cá para lá, fazendo tinir ao passar as tampas das canecas de cerveja.

— Acabemos com isto, diz por fim parando. Que me queres para assim me fechares aqui?

O Martinho, não dá mais palavra approxima-se da porta, destranca-a e põe-se depois em frente do irmão, encostado a elle. Tem a respiração offegante, como se quizesse arrancar as palavras do mais fundo da alma. Mas de que serve isso? Expira-lhe a voz na garganta. Pobre rapaz, selvagem como foi sempre, não é eloquente, e como achar logo ali trechos de fogo para arrancar á loucura aquelle perdido? Mal pode articular estas palavras:

— Que te fiz eu? Que te fiz?

Dil-as duas vezes, trez vezes as repete, repete-as indefinidamente. Que mais poderia dizer? N'ellas se contém toda a sua ternura e toda a sua dôr.

O João nada responde. Sentou se no banco e metteu ambas as mãos pelos cabellos desgrenhados. Voita-lhe pela bocca um sorriso, sorriso que mette medo, de quem não quer consolações nem esperanças. Interrompe por fim o infeliz irmão, que vai repetindo indefinidamente a phrase, como se esta devesse obrar um effeito magico.

— Basta, diz, nem sabes o que has de dizer-me nem me pódes dizer nada. Acabei comigo, comtigo e com o mundo inteiro. Se tu soubesses por onde vadiei estas ultimas seis semanas!... Desde que sahi do moinho nunca mais dormi debaixo de telha, não me fosse cahir o telhado em cima.

— Mas, em nome do céo, que tens tu?

— Não m'o perguntes... nunca has de sabel-o... pelo menos que t'o diga eu. Deixa-te de mais palavreado, que não presta para nada, e se me quizeres jurar por alma de nossos paes ..

— É verdade, os nossos paes... gagueja o Martinho com alegria.

Porque lhe não lembrára mais cedo...

— Deixa-os quietinhos na cova! replica o João com um riso máo. Isso para cá tambem não pega! Nem elles podem impedir que eu esteja perdido nem impedir que eu te odeie!

O Martinho solta um violento gemido e torna a cahir no banco, como prostrado.

— Mas sempre me lembrei d'elles, sempre, sempre me lembrei de que o Martinho Felshammer é meu irmão. E por isso a isto cheguei... Duro sacrificio me custou, podes crel-o!.. . Por isso não te queixes... acredita que andei sempre bem comtigo.. ah! ah! ah! irmão, até muito bem!

O Martinho não procura mais; já vê clara a solução do enigma: é a victima d'outros tempos que sai do tumulo para exigir vingança. E, de mãos postas, murmura haixinho:

— A expiação! a expiação!...

O outro continua.

— Mas por certo lado fizeste bem lembrando-me os nossos paes; não devo ennodar-lhes o nome, o nome dos Felshammers. E esta idéa ha já tempos que me atormenta, ainda que não sei que lhe hei de fazer. Um homem sempre ha de divertir-se... ah! ah! ah! E, olha, afinal ainda bem que te encontrei, podemos falar socegadamente a este respeito... Vou para a America!

O Martinho por instantes olha para aquelle rosto luzidio e inchado, e depois murmura baixinho.

— Pois vai com Deus.

E deixa cahir o rosto, pesadamente, sobre a mesa.

— E breve! continua o irmão. Já fui saber: tenho o paquete de Breme no dia um de outubro; para a semana hei de sahir d'aqui. Tu lá sabes o que tens que me dar da herança, de que, aliás, já estraguei uma boa parte. Dá-me d'isso o que puderes em metal sonante e entrega-o ao Franz Maas: lá o irei buscar.

— E não has de ir, uma só vez pelo menos, ao... ao...

— Ao moinho? Nunca! grita o outro, pondo-se de pé, com um clarão inquieto de angustia e de desejo no olhar.

— E queres então... é aqui que te hei de dizer adeus n'esta tasca indecente?... adeus por toda a vida... adeus por toda a vida!

— Assim tem de ser, diz o João, baixando a cabeça.

E o Martinho, outra vez embebido em seu pensar, murmura:

— A expiação!

O João fita o olhar esbraseado no irmão que abatido de corpo e alma, para ali está em frente d'elle... Decidiu, não tornar a vel-o... Mas, no momento de se deixarem, é preciso que lhe estenda a mão.

— Adeus, irmão, diz, approximando-se do Martinho que se deixa ficar sentado, immovel. Desejo-te boa sorte e saude!

Mas de repente sente em si como um doce calor a escorrer... No cerebro e uma multidão de lembranças que o atravessam n'um segundo. Revê-se, pequenino, protegido, amimado pelo irmão mais velho; depois já rapazola, pelo braço d'elle, caminhando altivo; revê-se, ao pé do irmão, de pé, junto do leito mortuario dos velhos paes; com elle se revê n'aquelle momento solemne em que, n'um aperto de mão, prometteram viver sempre juntos e que ninguem de fóra se metteria de permeio!...

E agora!... agora!...

— Irmão! gritou.

E soluçando de rijo cahiu-lhe aos pés.

— Meu pequenino! Meu querido pequenino!

E o Martinho, em meio das lagrimas, solta gritos de alegria e abraça-o, aperta-o contra o peito, como se quizesse nunca mais deixal-o ir.

— Até que te encontro!... Senhor!... Até que te encontro! Agora tudo entrou nos eixos, não é assim?... Dize... eram tudo fantasias, loucuras. Nem sabes o que fizeste, hein? Nem uma ideasinha sequer, hein? Acordaste agora, não é verdade? acordaste agora!

O João com tristeza, range os dentes e apoia o rosto sobre o peito do irmão. Mas eis que de repente lhe surge um pensamento que lhe opprime o peito e lhe atordôa os ouvidos, pensamento que parece um vampiro frio e viscoso batendo as azas em volta d'elle: — n'aquelles braços, hoje mesmo, a Gertrudes se abandonou, hoje mesmo!

E, bruscamente, põe-se de pé. Quer sair d'aquelle quarto, que não respire mais aquelle ar, ou a loucura, de vez tomará posse d'elle!

Dá um pulo para a porta... A bulha da fechadura, um ranger dos gonzos... foi-se.

Immobilisado pelo espanto, segue-o o Martinho com os olhos por um momento e depois diz comsigo, como para afastar a inquietação que n'elle desponta:

— Commoveu-se demais, precisava de ar fresco, não tarda ahi.

Dá com os olhos no cabide que ha em volta da parede; sorri-se, descançado: o João deixou lá o bonnet. Chove lá fóra, o vento vai refrescando.. o João não tarda.

Chama então o estalajadeiro; manda pôr o cavallo na cavallariça e preparar para o irmão um grog quente e uma cama: — «porque, diz com um riso venturoso, não tarda ahi...»

E, quando tudo é prompto, senta-se e põe-se a scismar. De tempos a tempos murmura, como que para reavivar o animo que lhe vai faltando:

— Não tarda ahi.

Lá fóra a chuva fustiga as vidraças, o vento do outomno assobia na empena da estalagem; e cada gota de chuva, cada assobio do vento parecem querer dizer:

— Não tarda ahi, não tarda ahi!

Correm as horas, a luz apaga-se, o Martinho adormeceu com tanto esperar e sonha que o irmão voltou

Acordam-o pela manhã. Atarantado e cheio de frio, olha para tudo em volta. Cai-lhe o olhar sobre o leito vazio em que o irmão deveria ter-se deitado, — o primeiro leito desde havia seis semanas! Com tristeza fica-se, de pé, a olhar para elle, fito.

Depois manda pôr a carruagem e vai-se embora.

XXV

Veio mais cedo o outomno n'esse anno. Ha já oito dias que um vento do noroeste, agudo e penetrante, sopra como se já estivessemos em novembro. As bategas d'agua açoitam os vidros e já no chão se estende um tapete de folhas de tilia, amarello carregado, que a humidade reduz a pasta.

Como a noite já desce rapida! Na loja do padeiro accendem o candeeiro suspenso muito antes da hora do jantar. Sob o quebra-luz está sentado o Franz Maas, muito entretido a fazer contas. Defronte d'elle, sobre a mesa, em que costumam estender-se ordenadamente, brancos e redondos, pequeninos montes de farinha de aveia, brilham agora, brancos e redondos, pequeninos montes de moedas de prata; e em logar dos *bretzels*, a estalarem, ouve-se o roçar das notas de banco.

É o thesouro que o Martinho lhe confiou no domingo para que o entregue ao João. Lá deixou tambem uma carta em que as contas da herança se acham feitas até ao ultimo *pfennig*. E desde então, todas as tardes ali vem, sempre com a mesma pergunta: «Veio?» E como o Frantz lhe faz signal que não, vai-se sem mais palavra. Aquelle thesouro pesa muito ao moço padeiro. Todas as noites conta a mesma quantia sobre a mesa, para se certificar de que nada desappareceu durante o dia.

Está exactamente n'esse trabalho É sexta feira: é preciso que o João n'esse dia não falte, se quer apanhar o paquete de Brême.

O João abriu a porta devagarinho e está de pé atraz do padeiro, quando este vai tratar de fechar á chave os rolos de prata.

— Tudo isso é para mim? pergunta pondo-lhe a mão no hombro.

— Ora Deus seja louvado! grita o Franz com alegre surpreza.

Depois, n'um relance, examina o amigo da cabeça até aos pés. O Martinho exagerou de certo, quando lhe annunciou a apparição d'uma criatura miseravel e na maior decadencia. O João Felshammer vem vestido convenientemente e com cuidado: traz um grande capote novinho, que, meio entreaberto, deixa ver um lindo fato cinzento; caem-lhe os cabellos no pescoço muito bem penteados; até fez a barba... Mas, para dizer a verdade, aquelle olhar turvo em que lampejam clarões inquietadores, aquellas fundas olheiras, a feia vermelhidão das faces, são tristes indicios n'um rosto, ainda ha pouco radioso de mocidade.

E então o Frantz pega-lhe nas mãos.

— João! João! que foi que te aconteceu?

— Tem paciencia, tudo vais saber, responde o João. Preciso confial-o a um ser humano, um só que seja, ou afogo!

— Então isso é serio! Queres...

— Parte esta noite a diligencia. Seguraste-me o logar?... Antes de vir ter comtigo, quiz, uma ultima vez, atravessar a aldeia. Era já noite; não havia perigo, e disse adeus a tudo. Fui até ao tumulo dos velhos paes, á porta da egreja... e tambem á Corôa, pagar uma miseria que devia ao patrão.

— E o moinho? Esqueceste-o?

O João morde os labios, torce e retorce o bigode e murmura.

— Lá irei!

— Que alegria para o Martinho! exclama o Franz Maas, todo elle vermelho de alegria.

— Eu não disse que ia vêr o Martinho, murmura o João por entre dentes.

E ergue-se-lhe o peito, como para livrar-se do peso horrivel que o opprime.

— Pois quê! Pois é, furtivamente, como um ladrão, sem que ninguem te veja, que vais penetrar em casa de teus paes!

— Não! Tenho que despedir-me... mas não é do Martinho.

— Mas então de quem? De quem, desgraçado? exclama o Franz Maas, em cuja alma desperta uma duvida horrivel.

— Põe a tranca na porta e senta-te ahi, diz o João. Vou contar-te tudo.

Passam-se horas. O temporal sacode as vidraças. Crepita o azeite no candeeiro que fumega. Rosto contra rosto, os dois amigos estão sentados, cada qual com o olhar no olhar do outro. O João confessa-se e nada esconde desde seu primeiro encontro com a Gertrudes até áquelle instante em que um fremito de horror o atirou dos braços do Martinho para a noite chuvosa.

— O que depois se passou, diz elle terminando, posso contal-o em duas palavras. Corri sempre para a frente, andei não sei por onde, até que a humidade e o frio me chamaram á realidade. O correio de Marienfeld chegava n'esse instante; chamei por elle e ao menos achei-me abrigado. Assim cheguei á terra onde estive até hoje. Lölb Lévi deu-me cem thalers; com isso me vesti de novo: esfarrapado como andava nunca me atreveria a apresentar-me á Gertrudes.

— Desgraçado!... pois queres...

— Não me pregues! replicou com tom brusco. Já tudo arranjei. Mandei-lhe um bilhete por um pequeno que encontrei na rua e que me trouxe a resposta. Chamou-a de lado na cosinha sem que nem sequer as criadas dessem por isso. As onze horas deve estar no açude e eu... ah! ah! ah!... pois eu tambem!

— João, não faças tal, peço-te, grita-lhe o Franz cheio de angustia: vamos ter desgraça!

O João só lhe responde com uma gargalhada rouca; e, com os olhos a brilharem e os labios collados ao ouvido do Franz, murmura:

— Pois julgas, pobre amigo, que eu era capaz de viver e morrer n'uma terra extranha, no extrangeiro, se a não visse uma vez ainda? Julgas que eu seria capaz de olhar para o mar quatro semanas a fio, sem a elle me atirar, se a não visse uma vez ainda?... Faltava-me o ar e toda a comida me não passava da garganta; vivo me iria consummindo, se a não visse uma vez ainda!

E o Franz então renuncia a dissuadil-o.

O olhar inquieto do João dirige-se a cada instante para o relogio.

— São horas, diz, pegando no bonnet. Á meia noite passa ahi a diligencia. Espera-me ao pé da cocheira e leva-me duas notas de cem *thalers*. É quanto me basta para a viagem. O resto dá-lh'o a elle, que não me é preciso. Até logo.

No limiar da porta, volta-se ainda para perguntar:

— Dize cá: eu cheiro a aguardente?

— Cheiras.

Dá uma gargalhada.

— Dá-me cá dois ou trez grãos de café para trincar. Não quero, no ultimo instante, metter nojo á Gertrudes.

E, quando o Franz lhe satisfez o desejo, desappareceu na escuridão.

XXVI

Temos cheia hoje.

Assobiando, barulhentas, precipitam se as aguas do açude para irem, com um gemer surdo e queixoso, perder-se no abysmo de espuma sobre o qual a poeira das ondas parece erguer uma abobada faiscante.

Ao estrondo da queda ajuntam-se os uivos do temporal. Os velhos amieiros, que emmolduram as margens, inclinam-se uns para os outros como fantasmas gigantes que houvessem vindo á meia noite dançar em compridas fileiras uma dança magica.

Encobrem o céo nuvens sombrias e tudo são trevas em volta; só a escuma, alva de neve, espalha um clarão incerto onde os contornos dos madeiramentos se espumam como em nevoas. Em cima destaca-se a balaustrada do passadiço movel cujo esquiço lembra um gato, retesado nas pattas, caminhando sobre um telhado.

E a meio do passadiço que se encontram.

A Gertrudes com a cabeça envolta n'uma manta escura, ha muito estava sob os amieiros recolhida da chuva; e quando viu a alta estatura do João surgindo do outro lado do açude, veio ter com elle.

— És tu, Gertrudes! perguntou anciosamente, tentando ver-lhe o rosto.

Ella queda-se silenciosa e sustem-se ao corrimão. Seus olhares fitam-se na espuma que dança e se tinge de mil côres.

— Gertrudes, diz elle, procurando-lhe a mão, venho dizer-te adeus para sempre. Queres que me vá sem te ouvir uma palavra só?

— Eu vim buscar a paz para a minh'alma, diz ella recuando ante aquella mão que a procura. O que eu soffri, João, por tua causa! Envelheci vinte annos! Estou fraca e doente... tem compaixão de mim... não me toques .. não quero voltar para casa de teu irmão, manchada por uma culpa.

— Gertrudes, vieste então aqui para meu tormento?

— Cala-te, João, cala-te, que me fazes soffrer!... Separemo-nos puros e honrados, levemos comnosco paz e coragem para toda a vida. Não nos deixemos arrastar... nem pelo amor nem pelo resentimento.

Cala-se, exhausta. Assobia lhe a respiração. Depois, enchendo-se de força, continua:

— Eu bem sabia que havias de voltar, desde ha muito, muito antes de ter recebido o teu bilhete... e mil vezes pensei na minima palavra que te havia de dizer. Mas, devéras, não deves assim querer que eu perca o meu socego.

Os olhos do João reluzem nas trevas, seu halito abraza; é com um riso estridente que diz:

— Não nos envolvas n'uma aureola, que é escusado; ambos estamos condemnados na terra e no céo! Por isso aproveitemos pelo menos...

Cala-se, de ouvido á escuta.

— Schiu!... julguei ouvir... na varzea...

Escuta sustendo a respiração... Nada se ouve... não se vê nada... O que quer que fosse levou-o o temporal e a noite.

— Desçamos para a margem, diz: os nossos vultos aqui destacam-se no céo.

Ella vae adeante e elle segue a. Mas as tabuas estão humidas e ella escorrega; elle então ergue-a nos braços e leva-a até lá abaixo, á beira do rio. E ella, sem defeza, agarra-se-lhe ao pescoço

— Como te tornaste leve desde o dia... diz elle baixinho, pondo-a no chão.

— Ai, mal me reconhecerias, se pudesses ver-me! responde-lhe a Gertrudes em voz baixissima tambem.

— Que não daria eu para vêr-te!

E procura afastar a manta que lhe encobre o rosto. Uma oval pallida, dois circulos negros no logar dos olhos, nada mais a escuridão deixa que se veja.

— Parece-me estar cego, diz elle.

E sua mão tremula desce desde a cabeça da Gertrudes até ás faces, como que para reconhecer, tocando-os, os traços queridos. Ella já não se esquiva e deixa cahir a cabeça sobre o hombro do João.

— Quanta coisa queria dizer-te! murmura ella. E já não sei, já não sei nada!

Elle estreita-a com mais força nos braços. E ficam-se silenciosos e immoveis emquanto o temporal os sacode e a chuva os fustiga.

Então desde a aldeia chegam-lhes farrapos dos toques de trompa do conductor, levados pelo temporal.

— Acabou-se, diz elle com um calafrio, tenho que ir-me embora.

— Já... esta noite? bulbucia ella com voz apagada.

Faz-lhe signal que sim.

— E não tornarei a vêr-te?

Um grito brutal domina o estrondo do furacão.

— João, por piedade, não me deixes; não posso viver sem ti!

Enterra as unhas nos hombros do João.

— Não te vás... que eu não quero!

Elle procura livrar-se d'ella á força.

— Vai-te então... vai-te... És um barbaro! Bem sabes que eu morro se me deixas... Não posso... Leva-me comtigo... leva-me comtigo!

— Perdeste o juizo, desgraçada?

E esconde o rosto nas mãos, gemendo.

— Pois chamas a isto perder o juizo?... Pois não vês como um cordeiro se defende quando o levam para... E assim querias... Pois é assim que tu gostas de mim? Só assim? Só assim?

— Não te lembras do Martinho?

— É teu irmão e mais nada sei... Mas tambem sei que morro se mais tempo tenho que viver ao lado d'elle. Quando d'elle me lembro toda estre-

meço! Leva-me comtigo, João! Leva-me comtigo!

O João agarra-a pelos pulsos e sacudindo-a diz-lhe com voz afagada:

— Mas então não sabes que eu já não sou senão um miseravel, criatura vil e perdida, um bebado que não presta para nada?... Se me visses, tinhas nojo de mim!... Foge de mim a gente de bem para quem sou uma coisa digna de repulsão... E cuidas que eu poderia gostar de ti? Nunca te havia de perdoar o teres-te intromettido entre mim e o Martinho; nunca te havia de perdoar o crime que por ti commetti contra elle. Entre nós se havia de elle erguer emquanto tivessemos vida... Havia de encher-te de affrontas e de bordoada cada dia que eu bebesse demais. Tinhas um inferno na vida comigo... Que dizes agora?

A Gertrudes baixa a cabeça com ar resignado e de mãos postas:

— Leva-me comtigo!

Um grito de feroz alegria escapa-se dos labios do João.

— Então vem... mas vem depressa... A diligencia só espera um quarto d'hora. Só Franz Maas nos verá; mas esse não é capaz de nos trahir. Ao chegarmos á cidade mudas de vestuario e... Hein? O que é aquillo?

O moinho animou-se. Pela porta aberta de par em par, espalhou-se um clarão entre as trevas. Agita-se uma lanterna pelo pateo, desapparece, torna a apparecer, e, de repente, atirada para longe, atravessa os ares descrevendo uma curva como um meteoro.

(Continua).

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Cartas de historia portugueza.—*A condessa Mahaut por Luciano Cordeiro — Lisboa, 1899.*

Mais um trabalho historico erudito e interessante acaba de publicar o sr. conselheiro Luciano Cordeiro. Tem o titulo acima e será seguido pelo *Conde Ferrant*, já no prélo, que o completa e integra.

Cada uma das cartas de historia portugueza que formam este volume é pelo auctor endereçada gentilmente a um dos seus amigos, e n'este volume vemos os nomes dos srs. Luiz de Soveral, Sergio de Castro, Carlos Lisboa, Hintze Ribeiro, Silva Graça, conde de Arnoso, Mousinho de Albuquerque, Julio de Vilhena, Ayres de Sá, conde de Sabugosa, Zacharias d'Aça, Gomes de Brito, Carlos Bocage, Vicente d'Almeida d'Eça, Palermo de Faria, Silva Pinto, Candido de Figueiredo, conde de Monsaraz, José Cabral Teixeira Coelho, J. P. Diogo Patrone e Adrião de Seixas.

A condessa Mahaut tem todo o sabor da linguagem da epoca em que ella viveu, reproduzindo o auctor grande numero de phrases de francez antigo que dão a forma pittoresca da lenda e da chronica compulsada, em toda a sua genuinidade.

N'outro logar do nosso periodico transcrevemos a primeira carta da collecção, por ser a que melhor esclarece o assumpto do livro, e dá ao leitor uma ideia d'elle.

O *Conde de Ferrant*, sua continuação, é esperado com interesse pela critica, que assaz lisongeiramente se tem já referido á *Condessa Mahaut*.

Os Albergues Nocturnos de Lisboa—*Associação de que é presidente S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I.—XII.—Typographia e lythographia de A. E. Barata, 25, Rua Nova do Loureiro, 39.—Lisboa, 1899.*

Entre nós é sempre consolador ler um documento d'este genero, porque, em geral, não ha senão a registar a proba administração das pessoas encarregadas d'ella, os seus esforços benemeritos e as providas manifestações das uteis e altruistas instituições. Os Albergues Nocturnos de Lisboa são um estabelecimento á altura da capital e que a honram. Succedaneos das primeiras albergarias, tão curiosas e caracteristicas da velha e franca generosidade portugueza, elles representam um papel notavel na demographia lisbonense, que o illustre relator no presente documento soube brilhantemente accentuar, frisando o valor do estabelecimento e a necessidade de outras instituições congeneres.

Este relatorio é o XII que se publica. Dando notas das contas e actos do conselho de administração em 1897 e 1898, o seu summario, deveras interessante, é o seguinte:

— O Albergue e a sua escola.

— Receita, despeza e haveres da associação.— O asylo nocturno e os seus pobres. — De como acolheu 5:177 durante 24.267 noites e lhes deu 19.043 ceias. — Outros beneficios. — A emigração e as estatisticas officiaes — A maioria dos albergados veem da provincia. — As mulheres parturientes ao desamparo; seus filhos sem leite. — Menores abandonados, maltratados e vadios. — Lastimosa desgraça de todos elles. — Urgencia de se fundar em Lisboa um grande estabelecimento de maternidade.—Exemplos da Inglaterra e da França.—De como se deve fortalecer as populações ruraes, descentralizando de Lisboa os menores pobres e desvalidos. — Considerações. — A questão de beneficencia é questão social. — Nova maneira de exercer a caridade, para lhe obter uma solução economica. — Confirmação dos precedentes relatorios.

Segunda parte: — A escola do Albergue Nocturno. — Sua inauguração. — De que modo foi organisada. — Resultados obtidos. — Os quarenta alumnos da escola já sabem lêr, escrever e contar. — Exercicios gymnasticos e militares. — Porque se não organisaram ainda as officinas de aprendizagem. — O Estado e o Albergue; de como este occorreu áquelle com 8:524$800! e porque, ficando desfalcado, não ficou desanimado, e promette organisar as suas officinas. — Considerações finaes.

— Mappas, contas e documentos da gerencia de 1897 e 1898.

GUERRA NA AFRICA DO SUL

O GENERAL JOUBERT

Diccionario das seis linguas. — Está publicada a setima serie d'esta notavel obra, comprehendendo os fasciculos 31 a 35, que vão desde as letras *Inf* até *Mou* e relativos ás paginas 417 a 496.

Este diccionario, feito sob um plano inteiramente novo, permitte conhecer simultaneamente as seis linguas que trata, dispensando a consulta de diccionarios especiaes de cada lingua, resultando maior facilidade na procura dos vocabulos e uma grande economia de tempo.

E' um livro utilissimo ao publico em geral e muito especialmente aos estudantes, tabelliães, advogados, escrivães, corporações diplomaticas, consulares, commerciaes e industriaes.

A' utilidade reconhecidamente pratica do diccionario accresce a modicidade extrema do seu preço, pois cada fasciculo semanal de 16 paginas apenas custa 30 réis.

Todos os pedidos de assignaturas se podem dirigir á Empreza Editora do OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, Lisboa, a qual está publicando o *Diccionario das Seis Linguas*.

O diccionario abrange o francez, portuguez, allemão, inglez, italiano e hespanhol n'um só volume, contendo por um processo muito engenhoso disposta á consulta do leitor a materia de trinta diccionarios.

Almanach Illustrado do «Occidente».—Acha-se já publicado este apreciado almanach para 1900, contendo a par de um texto selecto e interessante, uma grande profusão de magnificas gravuras, relativas aos acontecimentos mais palpitantes do anno prestes a findar, pelo que constitue um annuario curiosissimo.

Alem do calendario e grande numero de tabellas da maior utilidade proprios de um almanach do seu genero, insere a descripção completa e illustrada do centenario de Almeida Garrett, um retrato allegorico do poeta J. M. da Costa e Silva, varios quadros de costumes portuguezes taes como *As ovarinas* e *Scenas do Minho*; lindas estampas de animaes, a rapoza, a perdiz, etc. Retrato do pintor Pedro Alexandrino, Lançamento do cruzador D. Amelia, com retratos do sr. Conselheiro Jacintho Candido da Silva e engenheiro Croneau; Cruzador D. Carlos e o seu commandante; Janellas historicas de Villa Real, com um curioso artigo; Zacharias d'Aça, Wagner e o seu theatro em Bayrenth, Vasco da Gama perante o Samorim, quadro de Salgado, Actrizes Virginia e Maria Guerrero; Terceiro casamento de D. Manoel, quadro da Misericordia de Lisboa; Os novos prelados portuguezes, arcebispo de Braga e bispo do Porto; Assistencia nacional aos tuberculosos, um lindo retrato de S. M. a Rainha Sra. D. Amelia, dr. Joaquim Evaristo; o Porto, dr. Ricardo Jorge, o bairro da Sé, um conto comico com gravuras, etc.

Os annuncios são todos illustrados, o que dá ao almanach uma extraordinaria riqueza de estampas.

A capa, lithographada a côres, é allegorica ao descobrimento do Brazil e de um bello effeito.

Pelo modico preço de 200 réis brochado e de 300 réis cartonado, o *Almanach Illustrado do «Occidente»* para 1900, é pois, um verdadeiro primor.

Contribuição *da Sociedade de Geographia de Lisboa.*

N'esta já vasta collecção infileiraram-se ultimamente mais dois importantes trabalhos. O primeiro *Frei Gonçalo Velho*, um substancioso estudo do sr. Ayres de Sá, moço escriptor de largas faculdades de trabalho, que, com um aturado cuidado collecionou grande numero de documentos interessantes ao assumpto e titulo da sua obra. Constará ella de dois volumes, sendo o que temos presente de 476 paginas e finalmente illustrado. Será porventura este estudo um dos numeros mais valiosos das *Contribuições*.

O outro trabalho é o que tem o titulo *Historia dos Martyres de Nagran*, versão ethiopica publicada pelo sr. Francisco Maria Esteves Pereira, orientalista distincto e a quem se devem tambem outros estudos similares Não comprehendemos bem a relação d'esta historia com os descobrimentos portuguezes, e portanto a razão da sua inclusão na serie das *Contribuições* da Sociedade de Geographia na commemoração do qurto centenario do descobrimento da India, mas bom foi, todavia, que a falta que suppomos não impedisse a publicação de mais este trabalho erudito, porque com elle houve tudo a ganhar.